



AS GUERRILHEIRAS E A REVOLUÇÃO CUBANA: O SILENCIO NOS LIVROS DIDÁTICOS DO BRASIL E DE CUBA¹

The women and guerrilla and the Cuban Revolution: the silence in textbooks from Brazil and Cuba

Las guerrilleras y la Revolución Cubana: el silencio en los libros de texto de Brasil y Cuba

Andréa Mazurok Schactae²

Resumo: Considerando o livro didático como um instrumento de ensino de História que contribui para a construção e reprodução da realidade, este texto volta o olhar para os silêncios acerca da atuação das mulheres na guerrilha em Cuba. As imagens que compõem os livros didáticos selecionados, do Brasil e de Cuba, são analisadas a partir da categoria gênero e utilizando estudos sobre o uso de imagens como fontes para a pesquisa histórica. As representações sobre o acontecimento denominado Revolução Cubana tendem a exaltar um ideal de masculinidade — no cinema, nas fotografias e nos livros didáticos. As fotografias de homens barbudos, com vestes militares e armas, constituem parte das memórias sobre esse acontecimento. A presença de mulheres na guerrilha, na década de 1950, normalmente é esquecida ou desconhecida. Poucas pessoas sabem sobre a existência do *Pelotón Mariana Grajales*, composto por mulheres e criado oficialmente em 1958.

Palavras-chave: Revolução Cubana e gênero. Imagens e livros didáticos. Mulheres guerrilheiras. Imagens e Revolução Cubana.

Abstract: Considering the textbook as an instrument for teaching History that contributes to the construction and reproduction of reality, this paper focuses on the silences surrounding the participation of women in the Cuban guerrilla. The images that compose the selected textbooks from Brazil and Cuba are analyzed through the category of gender and by employing studies on the use of images as sources for historical research. The representations of the event known as the Cuban Revolution tend to exalt an ideal of masculinity — in cinema, photographs, and textbooks. The photographs of bearded men wearing military uniforms and carrying weapons constitute part of the collective memory of this event. The presence of women in the guerrilla, during the 1950s, is usually forgotten or unknown. Few people are aware of the existence of the *Pelotón Mariana Grajales*, composed of women and officially created in 1958.

¹ O presente texto é parte da pesquisa de estágio de Pós-doutorado, junto ao Programa de Pós-graduação em História da UEPG, na linha de pesquisa Instituições e sujeitos: saberes e práticas. Supervisão da Dra. Georgiane G. H. Vazquez.

² Doutorado em História, IFPR, ProfHistória UEPG. E-mail: aschactae@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5851600582823373>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2597-4472>.

Keywords: Cuban Revolution and gender. Images and textbooks. Female guerrillas. Images and the Cuban Revolution.

Resumen: Considerando el libro de texto como un instrumento de enseñanza de la Historia que contribuye a la construcción y reproducción de la realidad, este trabajo dirige su mirada hacia los silencios en torno a la actuación de las mujeres en la guerrilla en Cuba. Las imágenes que componen los libros de texto seleccionados, de Brasil y de Cuba, se analizan a partir de la categoría género y mediante estudios sobre el uso de imágenes como fuentes para la investigación histórica. Las representaciones sobre el acontecimiento denominado Revolución Cubana tienden a exaltar un ideal de masculinidad – en el cine, en las fotografías y en los libros de texto. Las fotografías de hombres barbudos, con uniformes militares y armas, constituyen parte de las memorias de ese acontecimiento. La presencia de mujeres en la guerrilla, en la década de 1950, suele ser olvidada o desconocida. Pocas personas conocen la existencia del *Pelotón Mariana Grajales*, integrado por mujeres y creado oficialmente en 1958.

Palabras clave: Revolución Cubana y género. Imágenes y libros de texto. Guerrilleras. Imágenes y Revolución Cubana.

Introdução

Os estudos de história das mulheres e gênero ocuparam espaços no campo acadêmico e também estão presentes nos materiais didáticos de história, destinados ao ensino fundamental e médio. Portanto, a história apresentada nas obras didáticas pode ser identificada como herdeira e constituinte de práticas e representações, apropriando-se das reflexões de R. Chartier (1991). Sendo assim, os livros didáticos constituem-se em orientadores de práticas culturais que definem o lugar dos sujeitos na ordem social, conforme destaca Michel Foucault (1988), o poder disciplinar visa moldar os corpos ao estabelecer um currículo único.

Além do mais, conforme destaca Guacira Louro (1997), a escola sempre teve a função de construir a distinção, um espaço de fabricação de sujeitos generificados. “Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe — são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores” (Louro, 1997, p. 64). Portanto, o livro didático, desde o século XIX, estabelece a cultura do “o ensino simultâneo, pelo qual o mesmo professor ensina a mesma disciplina para muitos alunos, ao mesmo tempo” (Munakata, 2016, p. 135), contribuindo para construção de um padrão e de distinções.

Utilizar as imagens, presentes em livros didáticos, como fonte, possibilita problematizar produções e reproduções do conhecimento histórico generificado. Ao volta o olhar para um acontecimento como a Revolução Cubana, as representações de gênero tornam-se mais



perceptíveis, por ser um processo marcado por um conflito armado. A seleção de obras destinadas para jovens latino-americanos, no início do século XXI, é uma escolha necessária para compreender o presente e o passado.

Considerando que as imagens dos livros didáticos também são construções discursivas, o objetivo é analisá-las como construtoras de uma representação da guerrilha na Revolução Cubana, observando a presença ou ausência de imagens de mulheres nas fotografias que constituem uma história imagética da luta armada. O foco é observar as representações generificadas que compõem a narrativa visual.

As imagens selecionadas são analisadas a partir da categoria gênero (Scott, 1995), dialogando com os conceitos de representações (Chartier, 1990; 1991) e masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2005; Connell; Messerschmidt, 2013; Connell, 1997; 2005). Vale destacar que a análise é orientada pelas reflexões de autores e autoras que utilizam imagens como fonte histórica (Kossoy, 2001; Mauad, 1996; Stancik, 2014; Burke, 2004).

Foram escolhidas duas obras: uma publicada no Brasil e a outra em Cuba. O material didático publicado no Brasil é uma obra de 2020, que faz parte da coleção Ciências Humanas e Sociais Aplicadas³: ensino médio (Catelli et.al, 2020), a qual tem como autores três homens (Roberto Catelli Jr., André Salvia e Paulo Silva, Robson Rocha) e duas mulheres (Ana Paula Seferian e Michele Scoura). A coleção é composta por seis volumes e cada volume com aproximadamente duzentas (200) páginas.

Dessa coleção foi selecionado o livro: Ética, política e trabalho (Catelli et.al., 2020). O motivo da escolha é por ele possuir parte de um capítulo dedicado a Revolução Cubana. Ao todo o livro é composto por cento e oitenta e uma páginas e o capítulo quatro. No capítulo “Anarquista e Socialistas: o poder dos trabalhadores” (Catelli et.al., 2020, p. 76-107), estão sete (07) páginas dedicadas a Revolução Cubana. O número de páginas é um indício da importância que os autores e as autoras atribuem a História da Revolução Cubana, para a compreensão das realidades atuais do Brasil e América Latina, pois em outras coleções, publicadas no mesmo ano, observa-se um silêncio sobre esse acontecimento histórico que influenciou a política na América Latina, na segunda metade do século XX.

³ Essa obra é resultado de um processo de mudanças nas políticas públicas de educação estabelecida pela lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 (Brasil, 2017), a qual ficou conhecida como “Reforma do Ensino Médio”, estabeleceu alterações na Educação Básica, provocando influências no processo de construção dos saberes em sala de aula (Germinari; Mello, 2018).

O texto sobre a Revolução Cubana é composto por treze (13) imagens, considerando imagens de capas de livros e filmes, e por uma narrativa que reproduz uma prática tradicional na historiografia sobre a Revolução, a qual é orientada pela ordem cronológica das questões políticas. Iniciando com o processo das guerras de independência, no século XIX, passando pela construção da República e concluindo com a Revolução Cubana. Portanto, esse acontecimento histórico, de meados do século XX, é apresentado como resultado de um processo iniciando no século XIX.

O livro cubano escolhido – *História de Cuba, nível medio superior* (Callejas Opisso, 2011) – é destinado ao nível escolar correspondente ao ensino médio brasileiro. Observa-se que existem três livros didáticos de História, destinado ao pré-universitário: um sobre história contemporânea, um sobre história da América e um sobre a história de Cuba. Todos os livros estão disponíveis na página do Ministério da Educação de Cuba (<https://www.mined.gob.cu/>). Eles também são impressos e distribuídos para os e as estudantes dos diferentes níveis de ensino. Portanto, o livro foi escolhido por fazer parte do ensino de história, no momento atual.

O livro *História de Cuba, nível medio superior* (Callejas Opisso, 2011) é constituído por capítulos com textos escritos, imagens (fotografias, desenhos, etc.) e mapas. Este possui uma diagramação simples, com foco nos textos escritos, pois é composto de quatrocentas e setenta (470) páginas. Os capítulos sobre a Revolução Cubana (1954-1959), são dois e constituídos por duzentas (200) páginas, com cinquenta e quatro (54) imagens (todas em preto e branco), mapas e atividades. Considerando as imagens voltamos a atenção para as imagens de pessoas, entre as quais trinta e oito (38) são imagens de homens e de mulheres são apenas sete (07).

Voltando o olhar para a historiografia, percebe-se que no início do século XXI, são publicados os primeiros estudos historiográficos sobre a Revolução Cubana, a partir de uma perspectiva de gênero. Entre os primeiros escritos, está o estudo de Abel Sierra Madero (2006) sobre a sexualidade na construção da nação cubana, no qual o autor analisa os discursos do século XIX e do século XX, destacando que, nos anos de 1960 e 1970, o texto homem novo, de Ernesto Guevara, publicado em 1965, foi uma referência para construção de uma masculinidade nacional heteronormativa. Entre os estudos recentes, estão as reflexões as heroínas e o estado patriarcal cubano de Lynn Stoner (2003), o livro de Lorraine Bayard de Volo (2018) e a publicação da *Radical History Review*, no ano de 2020. Entre os estudos realizados no Brasil, estão os estudos de Andréa M. Schactae (2013; 2016; 2020) sobre o ideal



de feminino, construído pela Revolução Cubana, percebido nas publicações do Estado sobre o *Pelotón Mariana Grajales* e a heroína Célia Sánchez, e o texto de Igor M. Pereira (2014), a qual aborda a identidade nacional em uma perspectiva de gênero.

Para apresentar a reflexão sobre as imagens generificadas da Revolução Cubana nos livros didáticos, o artigo é dividido em duas partes e uma conclusão. A primeira é uma reflexão sobre um ideal masculinidade e a segunda sobre um ideal de feminilidade.

Revolução Cubana e o ideal de guerrilheiro

A narrativa da história de Cuba, presente no livro didático, é constituída pela ideia da Revolução como uma herança de longa duração. Essa explicação também está presente na obra publicada no Brasil. Uma construção, que interpreta esse processo histórico, que também está presente em produções historiográficas que circulam e Cuba e no Brasil, no início do século XXI (Chomsky ,2015; Fernandes, 2012; Ayerbe, 2004; López, Loyola, Silva, 2005; López Segrera, 2012; Suárez Pérez, Caner Román, 2006).

Em ambas as obras didáticas, os textos tendem a destacar a atuação política de homens, em especial de dois: Fidel Castro e Ernesto Guevara (Che Guevara). Percebe-se, portanto, uma tendência de reproduzir uma construção histórica que define o Estado e as suas organizações de poder, como espaços construído por homens e pertencentes a eles. Historicamente, os símbolos e os heróis, que representam os Estados, tendem a serem constituídos em identificadores de masculinidades. Os heróis geralmente são homens que pertenceram a instituições armadas e participaram de conflitos armados. Os uniformes das instituições armadas e as armas, que identificam o poder armado dos Estados, são identificadores de um ideal de masculinidade caracterizado pela violência, pela força, pela coragem e pela honra, práticas que são constituídas como representações de um ideal de hombridade (Schactae, 2013; Bonino, 2002; Stoner, 2003). Manifesto em imagens, práticas, símbolos e leis que organizam e identificam o Estado, bem como algumas de suas instituições.

No material didático de Cuba, as ideias explicativas da Revolução Cubana, reafirmam a luta armado e a política como lugar de homens. Uma delas é que o processo é constituído por uma luta, iniciada pelos movimentos de independência do século XIX, lugar dos heróis que construíram a república. A outra é que o espaço das armas e da guerrilha pertence aos homens.

Ao longo das duzentas páginas, do material didático de Cuba, as quais compõem os capítulos selecionados: *Cuba entre 1953 y 1958. “Dictadura, resistencia y revolución?”* (Callejas Opisso, 2011, p. 257) e “*La Revolución Cubana en el poder*” (Callejas Opisso, 2011, p. 311), observamos que de um total de cinquenta e quatro (54) imagens, sete (07) são de mulheres. A maioria são imagens de homens e correspondem ao número de trinta e oito (38) imagens, cujas vestimentas se destacam como características que constituem um ideal de masculinidade hegemônica. Esse ideal apresenta uma percepção de que a Revolução Cubana e, portanto, a história da construção do Estado Cubano é construída principalmente por homens usando terno e vestimentas militares. Para demonstrar o domínio masculino e o silenciamento das mulheres guerrilheiras, foram selecionadas algumas imagens, considerando a qualidade gráfica e as características simbólicas – entre os quais as vestimentas, as armas e fatos históricos – das fotografias de homens, mulheres, guerrilheiros e guerrilheiras.

Na terceira fotografia, que compõem a figura 1, cuja legenda indica ser uma imagem de Fidel Castro no exílio, no México, ele está no centro, ocupando um lugar historicamente percebido como indicativo de poder. O lugar e a posição ocupada por uma pessoa, na construção de uma imagem, pode indicar uma construção simbólica que legitima e estabelece poder de liderança. Conforme destaca P. Bourdieu (1998, 2007), o poder simbólico se revela na posição ocupada pelos agentes. A presença de José A. Echeverría – que ocupava o cargo de presidente da Federação de Estudantes Universitários, e morreu em 13 de março de 1957 –, e de René Anillo – que também figurava entre os líderes do movimento de estudantes, em Cuba –, dão legitimidade a liderança de Fidel Castro, pois também são possuidores de poder simbólico. Todavia, essa imagem projeta, aparentemente homens brancos como lideranças de um movimento que se iniciou civil, mas que ao longo do processo se tornou militar, reafirmando e incorporando um ideal de masculinidade Ocidental.

Figuras 1 – Fidel e outros homens

Fonte: Callejas Opisso, 2011, p. 263, 270, 275.

Observando todas as imagens da figura 1, identifica-se que Fidel Castro é apresentado em posição de poder e com símbolos de poder político e de masculinidade hegemônica. A primeira e segunda imagens do livro cubano (figura 1), remetem ao acontecimento conhecido como ataque ao Quartel Moncada. Fato que ocorreu em Santiago de Cuba, em 26 de julho de 1953. Esse acontecimento foi constituído no marco inicial da Revolução Cubana e do qual participaram duas mulheres: Haydée Santamaría e Melba Hernández. Nesse acontecimento, vários participantes foram mortos, pelas forças armadas do Estado Cubano, e os sobreviventes foram presos. Entre os sobreviventes estavam Fidel Castro, Raúl Castro, Juan Almeida (os três estão em primeiro nos primeiros planos da imagem central na figura 1) e as duas mulheres (figura 7). Porém, as imagens tendem a destacar a participação dos homens.

A imagem de Fidel Castro, com a imagem de José Martí ao fundo e no alto – a primeira imagem da figura 1 –, é uma construção narrativa que vincula os ideais do movimento, liderado por Fidel Castro e Abel Santamaría, como uma continuidade dos ideais libertadores do herói Martí, uma liderança intelectual do movimento de independência de Cuba, no século XIX. Essa é uma imagem significativa para a legitimidade do movimento e de Fidel Castro.

A imagem do centro (figura 1) é uma representação da liberdade. O grupo sai da prisão e segue para o exílio no México. Os braços levantados e Fidel Castro, em primeiro plano, são elementos da imagem que remetem as ideias de liberdade e da liderança de Fidel Castro. A legenda confirma essa construção do líder, ao afirmar: “*Fidel y sus compañeros saliendo de la prisión*” (Callejas Opisso, 2011, p. 270). Os companheiros não são nomeados, portanto o foco está na legitimação do líder. O lugar que ocupa, na imagem, também o projeto como aquele que

guiava o grupo. Embora existam algumas fotografias de Haydée e Melba, inclusive delas saíndo da prisão, o livro traz apenas uma imagem delas, na prisão (figura 7).

A construção dessa imagem do líder guia é uma construção generificada, constituída por características historicamente definidas como identificadoras de poder e de masculinidade. A vestimenta, o corte de cabelo, o lugar na imagem, constituem um ideal de masculinidade. Portanto, quem selecionou essas imagens tem uma percepção da Revolução Cubana como um espaço de poder dos homens, pois as imagens indicam uma construção de gênero dada sentido e explica esse acontecimento do passado, a partir do presente.

Nas sete (07) páginas do material didático publicado no Brasil, bem como, em páginas de abertura do capítulo, são apresentadas treze (13) fotografias. O texto destaca Fidel e Che Guevara como líderes e guias da Revolução Cubana, e tende a esquecer a participação popular e da atuação das mulheres em espaços de lideranças do Movimento 26 de Julho.

A imagem selecionada para a abertura do capítulo, no livro brasileiro (figura 2), e a legenda: “Demonstração de força dos revolucionários cubanos diante do Palácio Presidencial em Havana, Cuba, 1959” (Catelli *et.al.*, 2020, p. 77), são construções que legitimam o poder dos homens na Revolução. As armas a cima das cabeças é uma demonstração de poder, força e domínio masculino. Também é uma representação do poder fálico, perceptível nas armas, no primeiro plano e na cúpula do Capitólio, em Havana.

Figuras 2 – Homens e armas em Havana em 1959



Fonte: Catelli et.al., 2020 p. 77

Ao narrar o processo de oposição à ditadura de Batista, os autores brasileiros citam Fidel Castro e Ernesto Che Guevara, como líderes opositores. Nessa parte do texto são cinco



parágrafos e uma citação longa, sobre o processo revolucionário, da década de 1950 (Catelli et.al., 2020). Portanto, a obra reproduz uma representação que coloca os homens, brancos, como líderes políticos, bem como, tende a reafirmar o esquecimento da atuação das mulheres em espaços de lideranças do Movimento 26 de Julho. A única exceção é a fotografia de Celia Sánchez, na guerrilha, que veremos em seguida (figura 6).

Em seus estudos sobre masculinidade hegemônica, R. Connell (1997; 2005; 2013), observa que o Estado e as instituições armadas possuem um aparato simbólico identificador de um ideal de masculinidade. Um modelo que não é fixo e nem imutável, mas está vinculado a posições de poder e tende a ser reproduzido, o qual é constituído por características que relacionam heranças culturais históricas e adaptações necessárias ao presente e aos diferentes contextos históricos. A força, coragem, bravura, liderança, combatividade, lealdade e heterossexualidade, são algumas características identificadoras de masculinidade hegemônica, as quais tendem a ser constitutivas das representações dos líderes e dos heróis.

A foto de guerrilheiros na Sierra Maestra (figura 3), cuja legenda os nomeia como combatentes da Sierra Maestra, coloca Fidel Castro no centro da imagem, mais alto que os demais homens, indicando que ele ocupava um lugar de poder e domínio. Uma imagem que representa o poder dos homens jovens na construção da Revolução Cubana. O texto não apresenta informações sobre a data da fotografia, porém indica que o ano é 1957 e a coloca como uma imagem da consolidação do Movimento 26 de Julho.

Figura 3 – Homens com vestimentas militares e armas



Fonte: Callejas Opisso, 2011, p. 286.

A imagem é uma representação de uma organização generificada, que estabelece a guerrilha como um lugar de homens, fardados, armados e aparentemente brancos, com exceção, de um jovem negro, Juan Almeida, que ocupa o lugar de menor poder simbólico, na composição da cena. Ele está à esquerda de Fidel Castro, na parte de baixo e aparece sem arma, embora use um símbolo do comando da guerrilha, a boina. Vale destacar que as armas são símbolos de uma masculinidade hegemônica identificadora da Revolução Cubana, representam a virilidade fálica e do poder dos homens. Elas figuram em destaque, ao lado do corpo de Fidel, com o cano projetado a cima da cabeça; na frente do grupo, segurada por Raul Castro e nas mãos dos demais homens do grupo. Depois de Fidel Castro, são as armas que ganham destaque na imagem. Outros símbolos que estão visíveis são a vestimenta militar e a barba, os quais foram constituídos também como características da masculinidade hegemônica identificadora do guerrilheiro da Revolução Cubana.

Voltando o olhar para a construção dos símbolos nacionais, no Ocidente, observa-se que os heróis, tendem a serem símbolos vinculados a masculinidade viril (Girardet, 1987). Constituem-se em representações de um ideal de hombridade caracterizado pelas ideais de força, coragem, valentia, combate e honra (Schactae, 2013, 2020, 2022; Bonino, 2002; Stoner, 2003). Os livros didáticos, em foco, tendem a reproduzir essa construção histórica. Apresentando Fidel Castro como o herói da Revolução Cubana.

A vestimenta de guerrilheiro, a barba e discurso para a multidão, são as características simbólicas da virilidade, em destaque na obra brasileira (figura 4). Nessa fotografia alguns homens figuram com armas e vestimentas militares, agachados e em pé, e ao que parece estão realizando a segurança, porém, o lugar que ocupam serve para legitimar o poder do líder, que discursa para a multidão, composta por homens e mulheres. O poder das armas e da fala, no espaço público é um domínio da masculinidade viril guerrilheira.

Figuras 4 – Fidel e a população em 1959



Fonte: Catelli et.al., 2020 p. 100.

A arma, a barba, a arma e a vestimenta de guerrilheiro, são símbolos que legitimam o um ideal de masculinidade guerrilheira. As fotografias de Fidel Castro com outros guerrilheiros, nomeados nas legendas, são significativas para legitimar o poder do líder e um ideal de masculinidade. Observando essas imagens se identifica uma tendência de apenas alguns homens serem nomeados. Portanto, também se estabelece uma relação de poder entre os homens. Os líderes são nomeados e os outros são anônimos.

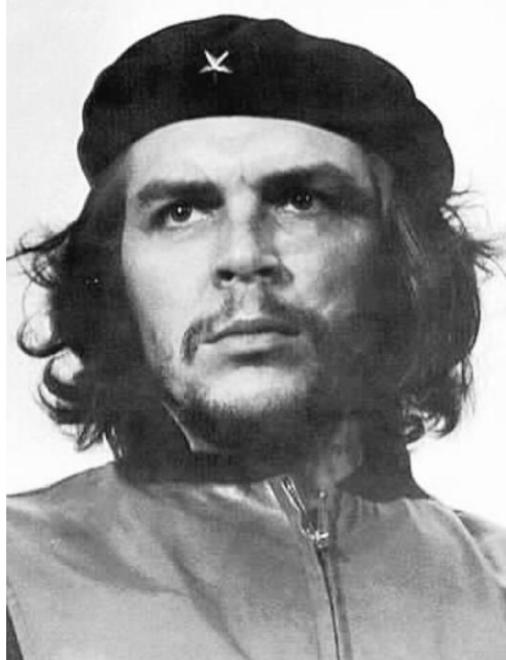
Os homens além de dominarem as imagens, em vinte e duas (22) imagens, eles figuram em alguma atividade, com o predomínio de temas vinculados ao combate e discursando, portanto, em espaços de poder e público. Representação que reafirma a guerra e a política como domínio masculino. A palavra pública é negada as mulheres nas imagens dos livros didáticos, um indício que reafirma as reflexões de Michele Perrot (2005), pois para a ela historicamente a política, a guerra e a palavra pública são práticas percebidas e representadas como pertencentes aos homens.

São eles que representam o modelo de masculinidade da Revolução, considerando o número de imagens, são: em primeiro lugar Fidel Castro; em seguida estão Camilo Cienfuegos, Ernesto Che Guevara e Raul Castro. Todos figuram em mais de uma imagem, um indicativo que eles representam o ideal revolucionário. Todavia, nem todos são nomeados.

A imagem que fecha o livro cubano, é uma construção histórica, que se constituiu em um símbolo da Revolução Cubana e de um ideal de masculinidade guerrilheira. A famosa fotografia de Che Guevara, construída por Alberto Korda (Figura 5), a qual ficou conhecida mundialmente, pode ser percebida como legitimadora de um ideal de masculinidade

hegemônica. Portanto, ela é construída e construtora da Revolução Cubana. Ao longo do tempo ela passou a representar uma das principais faces revolucionárias. Após a morte de Che Guevara, em 1967, ele se torna um símbolo da Revolução e um exemplo da masculinidade hegemônica estabelecida pelo movimento revolucionário, nos anos de 1950 e 1960 (Schactae, 2022). Ao longo dos anos de 1970, em Cuba, as ações do Estado foram influenciadas por esse ideal revolucionário masculino, conforme indica Abel Sierra Madero (2006).

Figuras 5 – Uma representação do guerrilheiro



Fonte: Callejas Opisso, 2011, p. 455.

Para Matías Alderete (2013), a construção do homem novo, pela Revolução Cubana, é constituída pela “masculinidade revolucionária”, (Alderete, 2013, p. 3) e marcada pela homofobia. Prevalece em Cuba o modelo do macho, porém, “*un macho no es homosexual ni heterosexual per se, sino la continua muestra de valores masculinos: ser violento y agresivo, hablar y actuar en forma vulgar y penetrar en la relación sexual*” (Alderete, 2013, p. 6). Para a Revolução o contra-revolucionário é o *maricon*, isto é, aquele que é penetrado e apresenta comportamento percebido como feminino (Alderete, 2013, p. 6-7).

Orientando-se por um modelo de cubanía constituído por um ideal de macho revolucionário, a Revolução Cubana é um movimento paradoxal, pois ao mesmo tempo que se propõem estabelecer uma ruptura na ordem estabelecida político-econômico-social, ela também re-significou um ideal de masculinidade caracterizado pela virilidade. Um ideal orientado pela



força, coragem, bravura e o poder das armas, o qual foi construído no século XIX (Audoin-Rouzeau, 2013) e orienta a construção de masculinidades em Cuba, em meados do século XX.

A vestimenta militar e as armas são construções simbólicas do poder masculino e viril. A força, a coragem, a honra e violência, historicamente são definidores de um ideal de masculinidade e de poder, vinculados ao Estado, também estão presentes nas imagens da Revolução Cubana.

A virilidade, para Alain Corbin (2013) e Jean-Jacques Courtine (2013) é um ideal, de modo que as qualidades que determinam o que é viril são reconstruídas ao longo do tempo. O ideal viril de uma sociedade militar é diferente daquele de uma sociedade mercantil, porém ambos são marcados por valores como coragem, força e domínio sexual. Portanto, a virilidade é “o conjunto de papéis sociais e dos sistemas de representações que definem o masculino e também o feminino e não pode se reproduzir, enquanto tais, senão se a hegemonia viril aparecer como pertencente à ordem natural e inelutável das coisas” (Courtine, 2013, p. 8). A virilidade, isto é, as características identificadoras do viril, em diferentes culturas e sociedades, orientam a invenção dos heróis e de algumas heroínas, legitimando ideais de masculinidade e de feminilidade.

A juventude masculina, a heterossexualidade e o poder político são características importante para construção da masculinidade hegemônica, que constitui a Revolução Cubana, dos livros didáticos, bem como tende a influenciar parte da historiografia. Outras características são a guerra e a imagem do guerrilheiro, as quais também orientam as construções da história da revolução. Para Abel Sierra Madero (2005) a historiografia cubana, tende a explicar os processos históricos focando na guerra, além do que esse espaço e suas práticas são percebidos como pertencentes ao masculino. Assim sendo, para o pesquisador, os estudos da História de Cuba, sobre a perspectiva da guerra, reforçam um modelo de cubanía heterossexual, patriarcal, sexista e homofóbico (Sierra Madero, 2005, p. 68).

Em Cuba e em outros lugares do Ocidente, entre o final do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX, se constituiu uma nação imaginada sexuada, os Estados Nacionais silenciam as mulheres e colocam os homens heterossexuais no domínio do lugar público (Corbin, 2013; Sierra Madero, 2005; Páges, 2002). Os mambises que lutaram pela independência de Cuba, do domínio espanhol, são representados na historiografia como heróis

e homens heteroxessuais (Sierra Madero, 2005, p. 85). Uma construção que ainda tem ecos nos livros didáticos.

Revolução Cubana e as guerrilheiras silenciadas

As guerrilheiras Celia Sánchez, Vilma Espin, Haydée Santamaría, Aleida March e outras centenas de mulheres, são construtoras da Revolução Cubana e poderiam aparecer nos textos (Schactae, 2016). Porém, mesmo utilizando duas fotografias (figura 6 e figura 7), como ilustração, que indica a participação feminina, na luta armada, os textos publicados, no Brasil e em Cuba, tendem a silenciar a atuação das mulheres no espaço da guerra e da política. A única exceção são as legendas e uma fotografia, na qual está Celia Sánchez entre guerrilheiros.

Figuras 6 – Guerrilheiros e a guerrilheira



Fonte: Catelli et.al., 2020 p. 99.



Fonte: Callejas Opisso et.al., 2011, p. 290.

A fotografia de Celia Sánchez na guerrilha, aparece em ambas as obras. Porém, no livro cubano, observa-se que a imagem foi editada, conforme se observa na figura 6. Essa modificação deu mais destaque a Fidel e a Celia, que figuram no centro da imagem. Todavia o olhar do observador é direcionado primeiramente para Fidel, que está em uma posição que o projeto como figura central.

Apenas essa fotografia apresenta uma mulher na guerrilha. Porém a sua vestimenta é diferente dos homens e não é possível definir se é um uniforme militar.

A legenda do livro cubano não a nomina como guerrilheira, ao afirmar: “*Combatientes en la sierra junto a Celia y Fidel*” (Callejas Opisso, 2011, p. 290). A presença de Celia Sánchez



na imagem (figura 6) e ocupando um espaço de poder, no centro, junto com Fidel Castro indica a importância dela no processo da Revolução Cubana e na história narrada no material didático. O fato dela ser nomeada antes de Fidel Castro, é mais um indicativo do poder simbólico atribuído a ela, ou melhor, conquistado por ela. Porém, a seleção da imagem, retirou dela os símbolos da virilidade guerrilheira, a vestimenta e a arma.

O livro brasileiro traz uma legenda diferente, para a primeira imagem, da figura 6:

Fidel Castro (ao centro, na parte superior da foto) e Celia Sánchez (a seu lado) em Sierra Maestra, Cuba, em 1957. Celia Sánchez (1920-1980) foi uma guerrilheira em armas durante a revolução, a primeira mulher combatente nas montanhas de Sierra Maestra. Depois do triunfo revolucionário, em 1959, tornou-se secretária do Conselho de Estado e deputada da Assembleia Nacional Popular (Catelli *et.al.*, 2020, p. 99).

O texto apresenta um indicio de um rompimento com o domínio da virilidade, como pertencente aos corpos dos homens. Portanto, ele direciona a leitura da imagem e coloca Celia como agente no espaço da guerra e na política do Estado.

Vale destacar que, o livro cubano traz duas imagens, nas quais símbolos da virilidade são apropriados pelas mulheres, uma delas está na figura 6. No entanto somente Celia Sánchez é nomeada na legenda. Indício de uma estratégia de silenciamento, da presença das mulheres nas imagens que remetem ao combate.

As demais imagens, nas quais as mulheres são nomeadas, são construções que reafirmam um ideal de feminilidade que se desvincula de características da virilidade guerrilheira e legitimam um ideal de feminilidade construído historicamente, o qual é voltado para o cuidado e para uma percepção de delicadeza. Um ideal que retira das mulheres o poder das armas e da fala, poderes que são construídos como legitimadores de um ideal de masculinidade.

A imagem das mulheres (figura 7), que participaram do ataque ao Quartel Moncada, apresenta indicativos de uma certa fragilidade e passividade, construções historicamente definidoras do feminino, enquanto as imagens dos homens remetem ao movimento e ao poder simbólico (figura 1), percebido nas vestimentas, no movimento e na relação com o herói nacional. Embora no texto, elas sejam identificadas como combatentes e pertencentes ao grupo que foi para o hospital, no momento da ação armada, as imagens tentam a representar os homens como combatentes. As mulheres estão presentes para apoiar os homens.

Figura 7 – Haydée e Melba



Fonte: Callejas Opisso, 2011, p. 262

A construção simbólica do feminino, identificada nas imagens das mulheres, tendem a se constituir como legitimadoras de um ideal de feminilidade, que historicamente é voltada para o cuidado, ao espaço do privado e a delicadeza. Portanto, as imagens das mulheres lembram uma representação da maternidade e de práticas consideradas ideais para as mulheres, nos anos de 1950. Portanto, as imagens remetem a ideias de feminino que podemos identificar como: esposa, filhas, mães, avó... Como percebemos a construção dessas representações? Pelas características que, historicamente são constituídas e reproduzidas como identificadoras de uma feminilidade ideal. Entre elas está a vestimenta.

As mulheres, nas imagens presentes na obra cubana, vestem roupas que representam um feminino que remete a essa construção histórica do cuidado e da delicadeza, como significações de um ideal de feminino. As flores, que são visíveis nas imagens, também são um indicativo dessa construção simbólica. As guerrilheiras Vilma Espín, Melba Hernández e Celia Sánchez Manduley (figura 8) são representadas como exemplos de uma feminilidade vinculadas a delicadeza, o cuidado, a simpatia... Somente a Celia é citada em uma imagem da guerrilha (figura 6).

**Figuras 8 – Símbolos de feminilidade revolucionária – Vilma, Melba e Celia****Fonte:** Callejas Opisso, 2011, p. 338, 387, 397.

O silenciamento sobre a atuação das mulheres na guerrilha e no Movimento 26 de Julho é percebido nas imagens selecionadas para compor os materiais didáticos. Vale destacar que, no ano de 1958, das treze pessoas citadas como membros da direção nacional do Movimento 26 de Julho três são mulheres, isso significa que 23% dos cargos diretivos do movimento pertenciam a representantes do sexo feminino, e segundo afirmações de Yolanda Ferrer (2002), das seis províncias cubanas da década de 1950, três delas (Matanzas, Oriente e Villas) tiveram mulheres como coordenadoras provinciais do Movimento 26 de Julho. Isso que significa 50% das coordenações provinciais foram ocupadas por mulheres. Contudo, em 1975, durante o primeiro Congresso do Partido Comunista Cubano, estavam somente cinco mulheres entre cento e vinte homens na direção do PCC (Partido Comunista Cubano) (Bohemia, 1975). O que significa que a representação de mulheres em espaços de poder dentro do processo da Revolução Cubana foi maior durante a luta armada. O fim da guerra fez com que o Estado retirasse as mulheres do poder de decisão, conforme se verifica no ano de 1975.

Em setembro 1958 foi estabelecido o *Pelotón Mariana Grajales*, como um espaço das guerrilheiras na luta armada, porém, as mulheres já participavam do movimento desde 1953 (González Pagés, 1991; 2005). A heroína nacional e que deu nome ao pelotão feminino da *Sierra Maestra* é uma construção simbólica que reafirma a maternidade e detrimento da guerreira. Portanto, embora a figura da guerreira, ou seja, a soldado combatente, esteja presente na construção das narrativas da história nacional de Cuba, ela permanece uma contradição dentre de um espaço identificador e construtor de ideais de masculinidade, o combate e o uso de armas (Schactae, 2016).

A guerrilheira Vilma Espín (figura 8, a mulher à esquerda), aparece em uma imagem que pode ser lida como uma representação de uma esposa, uma mãe e uma avó feliz. Usando um penteado impecável, brincos e uma roupa identificadora de feminilidade tradicional, com uma legenda, na qual consta o seu nome (Callejas Opisso, 2011, p. 338). A imagem central, na figura 8, é da guerrilheira Melba Hernandez, que é apresentada com uma imagem, cuja construção simbólica remete a uma construção histórica que representa uma avó feliz. Ela, que atuou e foi presa, no ataque ao Quartel Moncada (figura 7), aparece com vestimenta identificadora do feminino bem comportado, composto por brincos, óculos, uma vestimenta discreta e cabelos grisalhos. As duas são guerrilheiras e atuaram ao longo de todo o conflito armado, de 1953 até 1959, porém a identificação com a guerrilha foi silenciada nas imagens e as duas lembram avós felizes e bondosas.

Outra característica significativa que constitui o feminino, é uma tendência em representar as mulheres nas seguintes atitudes: paradas, sorrindo, observado os homens e olhado para a câmera, enquanto as imagens dos homens, existe um predomínio deles em situações de ações em espaços públicos (guerra, trabalho, discursando, escrevendo). Uma construção histórica, presente na cultura Ocidental, que define o homem como ativo e a mulher como passiva. Portanto, as representações do corpo feminino e do corpo masculino definem uma ordem generificada que constitui uma narrativa sobre a Revolução Cubana, nos livros didáticos.

Esses modelos de feminilidade e de masculinidade constituem as imagens da Revolução Cubana, em Cuba e no Brasil, no século XXI. Esse acontecimento que marcou o século XX e exportou um ideal de masculinidade para a América Latina. Ao mesmo tempo que os livros didáticos estabelecem um silêncio, dentro do possível, sobre as mulheres guerrilheiras, eles apresentam uma construção reveladora de uma herança cultural, de longa duração, que constitui as identificações de gênero, no Ocidente. A representação do feminino é constituída pela passividade, a delicadeza e o auxílio.

A única exceção é a imagem da Celia Sánchez (figura 6 e figura 8), que também aparece entre os guerrilheiros (figura 6). Porém, esse ato de subversão ao ideal de feminilidade é redimido na imagem que constitui a figura 8, na qual ela está rodeada por flores. Elas figuram no fundo da cena, na sua vestimenta e no cabelo, portanto, esse símbolo histórico, que significa o feminino e a delicadeza, a recoloca no lugar de representante de um ideal de feminilidade. As imagens remetem a ideia de retorno ao ideal de feminilidade, com o fim da guerra.



Conclusão

As imagens nos manuais didáticos apresentam um ideal de masculinidade hegemônica da Revolução Cubana. Um modelo masculino viril, que representam os construtores da Revolução Cubana, o qual é revelado no conjunto de imagem com predomínio de rostos de homens jovens, que indicam as características da masculinidade hegemônica revolucionária, percebida nos seguintes elementos do poder simbólicos masculino: as armas, a vestimenta verde oliva, a barba, o charuto, a coragem, a força, o combate armado e o discurso para o povo. O homem ideal e os líderes do povo cubano incorporam esse ideal, revelado nas imagens.

Os livros didáticos constroem uma representação da Revolução Cubana que tende a orientar práticas e identidades, bem como, direcionar a construção dos espaços sociais, com base em uma construção social que define o viril e o masculino como dominantes e construtores da história. As mulheres seguem nas margens.

A virilidade feminina é retirada das representações do feminino. A representação da Revolução é a legitimação do estabelecimento de uma ordem masculina, viril, heterossexual, branca e militar, como responsável pela história e pela política.

Ernesto Che Guevara e Fidel Castro, foram constituídos em encarnações do homem novo do socialismo cubano. Che Guevara figura entre as últimas imagens do livro didático cubano, e a imagem mais conhecida dele, a qual é significativa para a representação da masculinidade hegemônica constituída pela Revolução Cubana, legitima esse domínio do ideal.

O poder simbólico, presente nas imagens da Revolução, constitui memórias de jovens sobre o passado de Cuba. Essas memórias que podem influenciar o presente, podem se constituir em práticas que reafirmam o poder de um modelo de masculinidade e silenciando as mulheres.

As imagens de mulheres na guerrilha, mesmo silenciadas, são uma contradição e uma ruptura o ideal de feminilidade no Ocidente, nos anos de 1950. Mesmo silenciadas, nas imagens do livro didático, elas mulheres participaram com combatentes do Exército Rebelde e como coordenadoras do Movimento 26 de Julho, portanto romperam com o domínio de homens no processo histórico cubano, de meados do século XX. Todavia, ainda no século XXI, existe uma tendência de construir uma representação da Revolução Cubana, como um espaço constituído por guerrilheiros viris, cuja masculinidade hegemônica é representada pela vestimenta militar, as armas, a barba, a boina, o charuto, o poder da fala, a coragem, a força e o combate.

O livro brasileiro tende reproduzir o mesmo padrão de ideal de masculinidade relacionado a Revolução Cubana, presente no livro cubano. Fidel Castro e Che Guevara são projetados como os heróis da Revolução Cubana. A referência a Celia Sánchez como guerrilheira, Deputada e Secretária de Estado, são indícios dos primeiros passos no sentido de uma transformação de uma narrativa imagética sobre a Revolução Cubana, todavia o manual tende a reprodução.

Ao comparar as imagens presentes nos dois materiais didáticos, observamos uma proximidade na escolha das imagens que representam a Revolução Cubana, com foco no processo de luta armada. Homens jovens e com armas é uma representação projetada pelas imagens. Portanto, voltando o olhar para a construção dos Estados Nacionais, do século XIX, e a construção dos heróis nacionais, assim como, para a construção da Revolução Cubana, percebe-se que, no início do século XXI, essas heranças culturais seguem dando significado para um acontecimento que, supostamente deveria romper com essa construção.

Ao considerarmos as representações sobre a Revolução Cubana, na atualidade, verificamos que o gênero dá sentido ao conhecimento histórico, bem como, produz e reproduz ideais de feminilidade e masculinidade, construídos no passado. As imagens sobre a Revolução Cubana, selecionada para compor os livros em Cuba e no Brasil, revelam concepções de gênero aproximadas. Existem dezenas de imagens de mulheres na guerrilha, em Cuba, basta acessar os arquivos de fotografias sobre a Revolução Cubana, existentes em Universidades do Estado Unidos e nos arquivos em Cuba, portanto o silenciamento é uma escolha, orientada por uma cultura ocidental que predomina um ideal de masculinidade viril.

Os manuais didáticos seguem reproduzindo uma narrativa fundada em uma cultura marcada pela masculinidade hegemônica, construída no século XIX. As mulheres seguem silenciadas enquanto agentes construtoras das relações políticas, soldados e/ou guerrilheiras, e não são percebidas como símbolos identificadores do poder nos Estados Nacionais, já que o foco da narrativa visual ainda são a guerra e as armas. Espaços historicamente constituídos como domínio de uma masculinidade viril, excluindo outras masculinidades e as feminilidades.

O foco nas armas e na guerra, presentes nas sociedades atuais, talvez sejam melhor compreendido se observarmos como a História está sendo construída nos manuais didáticos, no Ocidente. Essa reflexão suscita questões relevantes para o ensino de História: quais temáticas predominam nas imagens dos livros didáticos do século XXI? Como figuram homens e



mulheres nas imagens presentes nos livros didáticos? Responder essas questões permitirá entender o presente e construir um futuro diferente.

Referências

- ALDERETE, Matías. Masculinidad revolucionaria: la represión de maricones y la construcción del hombre nuevo en Cuba posrevolucionaria. **X Jornadas de Sociología**. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013. Disponible em: <https://cdsa.aacademica.org/000-038/147>. Acesso em: 01 nov. 2025.
- AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Exércitos e guerras: uma brecha no coração do modelo viril? CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade – A virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 239-268, 2013.
- AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- BOHEMIA. **Revista Bohemia**, La Habana, Cuba, n. 53, ano 67, 1975.
- BONINO, Luis. Masculinidad hegemônica e identidad masculina. **Dossiers feministes - Masculinitats: mites, de/construccions y mascarades**, n. 67, p. 07-36, 2002. Disponible em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/118121>. Acesso em: 01 nov. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2007.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CALLEJAS OPISSO, Susana [et.all] **História de Cuba, nível medio superior**. La Havana: Editorial Pueblo y Educación, 2011. Disponible em: <https://www.mined.gob.cu/>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**, 11 (5), p. 173-191, 1991.
- CHASE, Michelle; COSSE, Isabella. Revolutionary Positions: Sexuality and Gender in Cuba and Beyond. **Radical History Review**, n. 136, p. 1- 10, January 2020. Disponible em: DOI 10.1215/01636545-7857211. Acesso em: 23 jun. 2022.
- CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**. São Paulo: Veneta, 2015.
- CONNELL, R. MESSERSCHMIDT, JAMES W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n.21, vol.1: 241-282, 2013. Disponible em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 01 nov. 2025.
- CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação e realidade**. V. 20 n.º 2, 2005, p. 185-206.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender & Society**. Vol.19, 2005. Disponible em: <http://gas.sagepub.com>. Acesso em: 27 maio 2009.

CORBIN, Alain (org.). **História da virilidade**: O triunfo da virilidade – século XIX. Tradução: João Batista Kreuch; Noeli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. Impossível virilidade. In: COURTINE, Jean-Jacques (org.). **História da Virilidade**: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 7-12.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo**: a Revolução Cubana. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FERRER, Yolanda. **La mujer en la Revolucion, las concepciones de Vilma, los analisis teoricos de la FMC sobre igualdad de género**. Cuba, 27 de maio de 2002. Conferência. Arquivo FMC, Havana, (mimeo).

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. Vol. 1: A vontade de saber. 11a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GERMINARI, Geysó; MELLO, Paulo. Reforma do Ensino Médio e a base nacional comum curricular: confrontos narrativos, estratégias de imposição e impactos no ensino de História.

Interacções, n. 49, pp. 7-24, 2018. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/16154>. Acesso em: 01 nov. 2025.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias políticas**. Companhia das Letras, SP. 1987.

HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. Tradução: Alba Zahuar. **Religião e Sociedade**, n. 6, p. 99-128, 1980.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LÓPEZ SEGRERA, Francisco. **A Revolução Cubana**: propostas, cenários e alternativas. Maringá: Eduem, 2012.

LÓPEZ, Francisca; LOYOLA, Oscar; SILVA, Arnaldo. **Cuba y su historia**. La Habana: Editorial Felix Varela, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história – interfaces. **Tempo**, v. 1, n. 2, p.73-98, 1996.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN. Presentación. In: CALLEJAS OPISSO, Susana et.al. **História de Cuba, nivel medio superior**. La Havana: Editorial Pueblo y Educación, 2011. Disponível em: <https://www.mined.gob.cu/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático como indício da cultura escolar. **História da Educação** (Online). Porto Alegre v. 20 n. 50, set./dez., p. 119-138, 2016.

GONZALEZ PAGÉS, Julio Cesar G. **Género y Masculinidad en Cuba**: El outro lado de una historia? Revista Nueva Antropología, n. 61, 2002, p. 117-126. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/159/15906106.pdf>>. Acesso em: 18 de junho de 2017.

GONZALEZ PAGÉS, Julio César. **Em busca de un espacio**: Historia de mujeres em Cuba. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2005.



GONZALEZ PAGÉS, Julio César. **La Republica Femenina:** Organizaciones Revolucionarias de Mujeres 1952-1958. Universidade de Havana: Havana, 1991.

PEREIRA, Igor M. Mambisas, feminismo e a identidade nacional feminina urbana. **Epígrafe**, vol. 1, n. 1, 35-5, 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/epigrafe/article/view/79522>. Acesso em: 01 nov. 2025.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru: Edusc, 2005.

PORTO, Ana Luiza Araujo. **Livros didáticos de História:** uma história comparada entre Brasil e Cuba (2013-2015). Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2019.

SCHACTAE, Andréa M. “Mulheres guerreiras”: mulheres na guerrilha cubana e a construção da heroína Celia Sánchez. In: MOREIRA, Rosemeri; SCHACTAE, Andréa M. (org.). **Gênero e instituições armadas.** Guarapuava/PR: UNICENTRO, 2016, p. 189-215.

SCHACTAE, Andréa M. A Revolução Cubana: representações generificas em um livro didático de História. **Revista Escritas do Tempo**, v. 2, n. 6, out-dez, p. 74-92, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47694/issn.2674-7758.v2.i6.2020.7492>. Acesso em: 01 nov. 2025.

SCHACTAE, Andréa M. O herói Che: gênero, fotografia e revolução cubana. **Anos 90**, [S. l.], v. 29, p. 1–20, 2022. DOI: 10.22456/1983-201X.117426. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/117426>. Acesso em: 6 maio 2024.

SCHACTAE, Andréa Mazurok. A Revolução dos Guerrilheiros em Cuba: um estudo de gênero e imagens. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 18, n. 34, p. 156–183, 2024. DOI: 10.61895/pl.v18i34.21052. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/21052>. Acesso em: 25 jul. 2024.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise história. **Educação e Realidade**, n. 20, vol. 2, p.71-99, 1995.

SCOTT, J. W. Prefácio a Gender and Politics of History, **Cadernos Pagu**, nº 3, 1994, p. 11-27. SIERRA MADERO, Abel. **Del otro lado del espejo:** La sexualidad en la construcción de la nación cubana. La Habana: Editorial Casa de las Américas, 2006.

STANCIK, Marco A. Lina Cavalieri, musa da Belle Époque: representações da feminilidade em cartões-postais. **História**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 445-469, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1980-436920140002000021>. Acesso em: 8 nov. 2020.

STONER, K. L. Militant heroines and the consecration of the patriarchal state: the glorification of loyalty, combat, and national suicide in the making of Cuban National Identity. **Cuban Studies**, v. 34, 2003, p. 71-96. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/52439>. Acesso em: 20 dez. 2010.

SUÁREZ PÉREZ, Eugenio; CANER ROMÁN, Acela. **Fidel:** de cinco Palmas a Santiago. Casa Editorial Verde Olivo: La Habana, 2006.

VOLO, Lorraine Bayard de. **Women and the Cuban Insurrection:** How Gender Shaped Castro's Victory. New York: Cambridge University Press, 2018.

Recebido em: xx de xxx de 20..

Aceito em: xx de xx de 20..
